



Raimundo Lúlio e o *Livro contra o Anticristo*
Ramon Llull and the *Liber contra Antichristum*
Ramón Llull y el *Libro contra el Anticristo*

Esteve JAULENT¹

Resumo: A precipitada interpretação do *Livro contra o Anticristo* pode originar diversos equívocos na compreensão do pensamento luliano, em especial nos temas relativos ao diálogo entre a Filosofia e a Teologia, por exemplo, o suposto racionalismo que despreza o conhecimento mediante a fé, e a confusão da equivalência entre as religiões. Estas linhas convidam a um novo enfoque da obra luliana a partir de uma metafísica e uma lógica que, deixando em suspenso as verdades da fé, conclui consequências exclusivamente racionais, mas que se correspondem com as verdades reveladas.

Abstract: A superficial interpretation of the *Book Against the Antichrist* may lead to several misunderstandings of Llull's thought regarding the relation between Philosophy and Theology: this is particularly true for Llull's purported rationalism that would despise knowledge through faith and lead to a false equivalence among religions. This article presents a new approach to Llull's works from a metaphysical and a logical point of view: while holding the truths of faith in abeyance, Llull draws exclusively rational consequences which, however, correspond to revealed truths.

Keywords: Ramon Llull – Faith and Reason – *Liber contra Antichristum* – Metaphysics – Logic – Theology and Philosophy.

Palabras-chave: Ramon Llull – Fé e razão – *Livro contra o Anticristo* – Metafísica – Lógica – Teologia e Filosofia.

ENVIADO: 08.10.2016
ACEPTADO: 11.11.2016

¹ Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull). Site: http://ramonllull.net/sw_principal/1_br/home.php. E-mail: ejalent@gmail.com.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

I. Uma história de surpresas

A primeira surpresa que a leitura deste livro oferece é que foi escrito em 1276 e até hoje não foi traduzido a alguma língua moderna.² Existem duas edições críticas, uma catalã, publicada por Gret Schib Torra, em 1986, e outra latina publicada no mês de dezembro de 2015. Poderia existir alguma explicação para estes quase oito séculos até a primeira edição crítica?

Nem depois de mais outros 30 anos da primeira edição crítica catalã de 1986, surgiu qualquer esclarecimento. Talvez pudesse ter influenciado a opinião da autora que qualificou a obra como menor, e escrita sem beleza literária e com a única preocupação de convencer com uma estrita lógica racional.

Uma segunda surpresa poderia tomar conta do leitor ao perceber que esta obra de Lúlio sofreu um erro de catalogação. Até 1986 pensava-se que o *Livro contra o Anticristo* fora escrito em 1290, mas então o autor do catálogo o adiantou para 1276. A retificação ocorreu em 1986, trinta anos depois. Todavia, não deixa de ser estranho que nestes 30 anos que decorreram após a publicação do *Livro contra o Anticristo* ninguém pensasse nas possíveis consequências – que todos os erros têm – deste engano de catalogação.

Uma dessas consequências poderia ser, como de fato foi, o consenso equivocado de que Lúlio considerava todas as religiões equivalentes. Esta falsa interpretação poderia ter surgido pela influência que teve o *Livro do gentio e dos três sábios*, obra escrita poucos meses antes do *Livro contra o Anticristo*. Naquele livro se narra a história de um gentio, pagão, entristecido e depressivo perante a proximidade de sua morte, que pede a três sábios filósofos monoteístas que lhe demonstrem sua fé na ressurreição após a morte

² *Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis* (CCCM 264). *Raimundus Lullus Opera latina XXXVI* (10-11). *Liber contra Antichristum; Liber de gentili et tribus sapientibus* (P. M. Beattie, Ó. L. de la Cruz Palma, eds.); RAMON LLULL. *Llibre dels articles de la fe. Llibre què deu hom creure de Déu. Llibre contra anticrist* (ed. Antoni Joan Pons i Pons, Jordi Gayà Estelrich, Gret Schib Torra i Anthony Bonner). *Nova Edició de les Obres de Ramon Llull III*. Palma de Mallorca: Patronat Ramon Llull, 1996. Para o *Livro contra o Anticristo*, ver PARDO PASTOR, Jordi. “Mahoma y el Anticristo en la obra de Ramon Llull”. *In: Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, Vol. 22 (2005), p. 159-175 (Internet, <http://revistas.ucm.es/index.php/ASHF/article/viewFile/ASHF0505110159A/4712>) e COSTA, Ricardo da. “Maomé foi um enganador que fez um livro chamado *Alcorão*: a imagem do Profeta na filosofia de Ramon Llull (1232-1316)”. *In: Revista NOTANDUM*, n. 27, Ano XIV, set-dez 2011, p. 19-35, Editora Mandruvá - Univ. do Porto (Internet, http://www.hottopos.com/notand27/index.htm#_Toc276646322).



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

das pessoas. Depois de ouvir as explicações sobre suas respectivas fés, antes de despedir-se, o gentio deseja anunciar-lhes qual é a fé por ele escolhida, mas os três se negam a ouvir: Disseram exatamente o seguinte:

- Este é um assunto para discutir entre nós, a fim de que encontremos pela força da razão e pela natureza do entendimento, qual é a Lei que poderás escolher. Se em nossa presença dissesses qual é a Lei que mais amas, não teríamos mais assunto para discutir, nem verdade para descobrir.³

Não é nada fácil interpretar bem a resposta dos três sábios porque seria entrar no tema da consciência, que é o juízo que interpreta a lei mais importante de todas as leis, pois dá a conhecer a lei divina; que é a lei que deverá alicerçar e dirigir a formação de cada pessoa como um todo e inclusive a da boa ordem da sociedade.

A atitude dos três sábios está também ligada diretamente ao difícil tema das duas esferas do nosso pensamento: a do concreto e a do abstrato. Quando se trata de conhecimentos que são juízos da consciência, torna-se mais difícil ainda conhecer estes juízos, porque se exige inserir as condutas concretas e contingentes das pessoas em determinadas normas que, por natureza, são sempre gerais, ou seja, genéricas ou específicas.

De qualquer modo, está equivocada a interpretação de que Lúlio considerava serem equivalentes todas as religiões – o que tornaria Lúlio um defensor de todas elas e, portanto, um ignorante de suas diferenças de conteúdo e de doutrina – não coincide com a explícita opinião, também generalizada, de que todo o pensamento de Lúlio já estaria em germe no *Livro da contemplação em Deus*. Este livro, escrito por volta do ano 1276, quando se completou o *Livro contra o Anticristo*, é uma enciclopédia de milhares de páginas centradas em sua totalidade no Deus Uno e Trino do cristianismo.

Além disso, esta equivocada interpretação é claramente contrária à explicação que o próprio Lúlio deu alguns anos mais tarde ao tema da verdadeira fé. No *Félix, ou Livro das Maravilhas*, escrito em 1288/9, ou seja, 14 ou 15 anos depois, Lúlio narra a história de um gentio que disputava com três sábios que pretendiam mostrar-lhe a verdade ou falsidade de sua própria fé, o judaísmo, cristianismo e islamismo. Lúlio esclarece nesse livro que a fé verdadeira seria aquela que produzisse a maior concordância entre as categorias ou atributos divinos que denominou de Dignidades e as virtudes criadas,

³ RAIMUNDO LÚLIO. *O Livro do gentio e dos três sábios* (trad.: Esteve Jaulent). Petrópolis: Vozes, 2001.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

três teologais – fé, esperança e caridade –, as quatro cardeais – prudência, justiça, fortaleza e temperança – e a maior contrariedade com os vícios concretos da Humanidade. As outras fés, contrárias à verdadeira, seriam falsas, tal como foi provado no *Livro do Gentio e dos três sábios*.⁴ Ora, no *Livro contra o Anticristo* se expressa a mesma ideia praticamente com as mesmas palavras.

Parece difícil compreender como a errônea interpretação do *Livro do gentio e dos três sábios* permaneceu até os dias de hoje.

II. A *Verdade* no pensamento de Lúlio

Uma exposição, embora sintética, do pensamento de Raimundo Lúlio apresentando a articulação metafísica e lógica do seu sistema e ao mesmo tempo mantendo sempre presente a sua autêntica intenção com que o descrevia, certamente conseguirá reduzir as surpresas que a leitura do *Livro contra o Anticristo* poderia originar e, sobretudo manifestará a verdade do pensamento do sábio catalão.

Em primeiro lugar, interessa deixar bem clara qual era a intenção que dominava Raimundo Lúlio ao filosofar. Alguns manuais de filosofia consideram Lúlio o primeiro autor que filosofou com uma intenção prática.

Que fosse o único, seria discutível, pois ainda que já tenham dito que a filosofia não serve para nada, outros afirmaram que ela tem fins práticos, como o da consecução da felicidade, a construção de uma vida boa e conveniente, a edificação da pessoa, etc. Mas, do que não se pode duvidar, é que Lúlio repensou toda a filosofia, desde seus inícios até o pensamento contemporâneo, unificando-a com a Teologia cristã. Não a considerando, todavia, serva da Teologia, mas unindo-a à Teologia, de modo semelhante ao que, na Patrística, fizeram os primeiros Padres da Igreja, que afirmavam ser o Cristianismo a verdadeira Filosofia, por surgir de um encontro permanente com o Deus vivo.

A religião cristã pede a todos os homens a dignidade de viverem em todo momento conforme à Verdade. Mostra que o Deus Criador beneficiou a criatura racional com o dom do livre arbítrio, mas deseja que este dom seja bem usado e a pessoa o utilize

⁴ RAIMUNDO LÚLIO. *Félix ou O Livro das Maravilhas. Parte I* (apres., trad. e notas: Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Escala, *Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 95*, 2009, cap. 79, p. 161. Ver também VILLALBA, Pere. *Ramon Lull. Escriptor i Filòsof de la Diferència*. Barcelona: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2015, p. 141-142.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

escolhendo sempre o bem em cada ação, e não o rejeitando. É, pois, uma religião fundamentada toda ela na Verdade; ora a verdade é uma noção metafísica e lógica porque é sinal da união ou identificação entre a realidade e o pensamento. A Verdade é uma noção importantíssima para o pensamento e para a vida, e é muito difícil imaginar as inúmeras consequências que se seguiriam do fato de se ignorar em que consiste a Verdade.

Lúlio entendeu bem esta união. Unificou a Filosofia com a Teologia porque compreendeu que o princípio da realidade e o princípio do conhecer são idênticos. Após sua conversão, dedicou sua vida a extrair diversas consequências deste ponto de partida.

Na sua *Lamentação da Filosofia*, como costumava fazer em muitas de suas obras personalizando conceitos, Lúlio dirigindo-se a uma Senhora, que é a própria Filosofia, resume abreviadamente o que será o propósito de sua vida:

– Senhora Filosofia, estou preocupado, pois quero pôr toda minha pessoa e tudo quanto sou ao serviço de vossa honra e da honra da senhora Teologia, que amo por cima de tudo. E vós, Filosofia, sabeis que trabalhei longamente em prol esta finalidade e que abandonei todos meus bens terrenos por esta causa.⁵

E a personagem Filosofia chama-lhe a atenção sobre o que deverá ser a verdadeira essência da filosofia luliana:

– Raimundo, falais bem; eu farei o que puder nesse negócio, porque nele estou comprometida. Vós, contudo, não sejais apoucado nem indeciso, mas audaz e valente, e pregai filosoficamente sobre o que ouvires a propósito dos meus Princípios (as Dignidades divinas) nas igrejas, nas escolas e nas praças. Tende confiança em Deus e nas Imperatrizes de que falamos (as Dignidades), em mim e nos meus Princípios (de novo as Dignidades divinas), que vos protegeremos, vos fortaleceremos e vos orientaremos quando debateis e prediqueis.⁶

Esta união da Filosofia com a Teologia propiciada por Lúlio também não foi bem entendida por muitos. Lúlio foi visto como um racionalista extremo que queria demonstrar as verdades da fé católica exclusivamente com a razão.

⁵ RAMON LLULL. *Liber lamentatio Philosophiae*, ROL 7, CCCM 32, pp. 125 (tradução nossa).

⁶ RAMON LLULL. *Liber lamentatio Philosophiae*, ROL 7, CCCM 32, pp. 126 (tradução nossa).



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Uma possível explicação dessa incompreensão poderia ser a paixão apostólica pela qual foi tomado após sua conversão. Não seria o primeiro nem o último. Lúlio quis levar a fé cristã a todos os povos, tanto para os que estavam próximos a ele quanto a todas aquelas pessoas que encontrou em suas viagens pela Europa, pelo norte da África e até nas estepes asiáticas. Sua fé equiparava-se ao seu afã de apostolado.

Para explicar a conveniência de trabalharem juntas a Filosofia e a Teologia, bastaria apresentar um argumento de autoridade: o papa emérito Bento XVI afirmou que já não é possível usar o refrão escolástico *Philosophia ancilla Theologiae* (*A Filosofia serve da Teologia*) e insistiu que *a Filosofia está para dar respostas às perguntas que a Humanidade faz*.

Disse que ao longo dos 2.500 anos de filosofar não se conseguiu responder a essas perguntas acertadamente, até o ponto que cada filósofo deu respostas diferentes para explicar o que é Deus, o ser humano, a morte, a felicidade, a matéria, a vida...

Diz o papa emérito:

Da filosofia propriamente dita, com sua incerteza última, nós estamos fartos. Não queremos filosofia, mas sim gnose, isto é, um conhecimento que possa ser comprovado. A filosofia, em grande escala, está cansada de si própria. Ela também, afinal de contas, quer ser como as outras disciplinas acadêmicas, ter o mesmo valor que elas. Quer também ser “exata”. Mas a exatidão será adquirida ao custo de sua grandeza, pois com isso ela não poderá mais levantar suas verdadeiras questões. Então o homem não tratará mais do todo dos assuntos, e sim do interesse individual.⁷

A filosofia cansou-se de perguntar, e já não pergunta mais. Por quê? Certamente porque se desinteressou da Verdade. Muitos hoje não acreditam mais na Verdade, nem sabem o que ela é.

Este foi o passo mais errado que a Humanidade deu, diz o papa emérito, pois sem a Verdade não é possível o conhecimento e, sem conhecimento, não há Amor. E a ausência do Amor corresponde à ausência da liberdade.

Continua o papa emérito:

A fé cristã não ameaça a Filosofia, mas a defende contra as exigências totalitárias da gnose. A fé defende a Filosofia, porque tem necessidade dela. Precisa dela porque tem necessidade do homem que interroga e procura. O que para ela constitui um obstáculo

⁷ RATZINGER, J. *Natureza e missão da teologia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p. 25-26.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

não é o interrogar, mas sim o fechar-se, não desejar mais fazer perguntas, não considerar a verdade como alcançável ou desejável. A fé não destrói a Filosofia, ela a defende. Só quando faz isso é que ela permanece fiel a si própria.⁸

“Um conhecimento que possa ser comprovado”, disse Joseph Ratzinger indicando o desejo atual da Humanidade. Pois é exatamente o que, com outras palavras, Benedito XVI recomendava: “uma filosofia *fiel a si própria*”.

É o que Lúlio realizou com o seu sistema. A conhecida *Arte* luliana, – *uma lógica-metafísica-real* – fundamentada na Verdade, isto é, na conveniência do ato de ser com o sujeito deste ato. Para tanto, Lúlio utilizou uma nova demonstração, superior às demonstrações pensadas por Aristóteles, denominada por ele de *demonstração por equiparação*, que ocorre quando os dois atos das argumentações, a atividade demonstrativa e a atividade demonstrada (ou demonstrável) se equiparam.

Com ajuda desta demonstração e de sua lógica real, Lúlio explicará metafísica de sua *Arte*.

III. Deus na metafísica e na lógica luliana

Lúlio faz depender todo seu filosofar de uns Princípios que são os que constituem o Ser do Deus cristão e de todas as realidades. Estes Princípios unificam tudo, todas as coisas, todos os pensamentos, todas as linguagens, todos os gestos e atitudes, os acontecimentos, tudo, segundo ele, principia em Deus.⁹ Deus, pois, está no cume da Metafísica. Estes Princípios são ao mesmo tempo absolutamente gerais de toda a realidade é de todo conhecer.

Assim o explica Lúlio no seu *Livro contra o Anticristo*, esclarecendo que a intenção final do mundo, como um todo, que inclui principalmente Deus e os seres racionais, consiste em conhecer e amar, honrar, servir e glorificar a Deus. Desviar-se, diz ele, desta intenção, é um grande erro, pois afasta do meio que convém entre o começo e o fim.¹⁰

⁸ RATZINGER, J., *opus cit.*

⁹ COSTA, Ricardo da. “A Eternidade de Deus na filosofia de Ramon Llull (1232-1316)”. In: *Mundos medievales: Espacios, Sociedades y Poder. Homenaje al Profesor José Ángel García de Cortázar*. Santander: PubliCan, Ediciones de la Universidad de Cantabria, D. L., 2012, tomo II, p. 1215-1227. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/eternidade-de-deus-na-filosofia-de-ramon-llull>.

¹⁰ RAIMUNDO LÚLIO. *Livro contra o Anticristo* (trad.: Huber Jean Cornier). São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2016, p. 31; ver também RAMON LLULL. O



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Os atributos ou, como ele os denomina, as Dignidades de Deus, são atos, ou atividades divinas, que em alguns de seus escritos aparecem em número diferente, mas que podem ser apresentadas em sequência e acrescentadas de reticências, deste modo: Bondade, Grandeza, Eternidade, Poder, Sabedoria, Vontade, Virtude, Verdade, Glória, Perfeição, Justiça, Misericórdia, Humildade.¹¹ Cada uma delas é um ato infinito que se identifica com a Essência divina. Deus, portanto, é a Bondade, a Grandeza, etc. Os atos das Dignidades formam, englobados, o Ato Puro e completo de Deus. Tudo o que não for Deus será composto de um ato de ser finito e de uma determinada potência.

Pelo fato de em Deus se converter o Ser com sua Essência, decorre que em Deus, e só nele, se identifique o abstrato e o concreto. Deus, além de ser a Bondade, é bom; além de ser a Justiça, é justo, etc.

Fazendo um parêntese, pode-se lembrar neste ponto o difícil tema das duas esferas do pensamento humano, o do abstrato e o concreto. Quando, sem pensar na intenção divina, Lúlio trata de juízos sobre as intenções humanas,¹² é preciso conhecer-se com exatidão a autêntica intenção deliberada com que se realiza cada ato humano concreto e contingente. Para se conhecer a verdadeira intenção com que se realiza tal ato é necessário ter o próprio coração fortalecido pelo domínio da deliberação do livre arbítrio em todas as lembranças das possíveis opções, tomadas ou ainda não tomadas, da vontade, do entendimento e das paixões sensíveis. Só Deus poderá conhecer, desde a eternidade, esta intenção.

Lúlio vincula necessariamente sua metafísica a uns princípios lógicos que regulam o as atividades das Dignidades e de tudo quanto existe e seus relacionamentos mútuos. São nove os princípios lógicos: maioridade, menoridade, igualdade (Quando os dois crescem no mesmo sentido, ou em sentido contrário, ou são iguais). Princípio, meio e fim. Diferença, concordância e contrariedade.

Todas as realidades necessariamente são pensadas nestes nove princípios lógicos, que por sua vez têm cada um deles diversas espécies, conforme as diferenças, as

Livro da Intenção (c. 1283) (trad.: Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III; supervisão, notas e comparação com o texto latino: Alexander Fidora). Alicante: e-Editorial IVITRA, 2010. Internet, <http://www.ivitra.ua.es/RicardoCosta/OLivrodaIntencao.pdf>.

¹¹ No *Livro contra o Anticristo*, Lúlio enumera onze Dignidades. Cf. *op. cit.*, p. 37.

¹² RAMON LLULL. *O Livro da Intenção* (c. 1283) (trad.: Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III; supervisão, notas e comparação com o texto latino: Alexander Fidora), *op. cit.*, <http://www.ivitra.ua.es/RicardoCosta/OLivrodaIntencao.pdf>.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

concordâncias ou as contrariedades se pensem nas realidades sensíveis ou intelectuais. Também têm diversas espécies os princípios, os meios e os fins, as igualdades, as menoridades e as maioridades. Estes princípios lógicos são importantes porque possibilitam o ascenso e descenso do entendimento humano em qualquer argumentação.

A lógica luliana é chamada de real porque, em primeiro lugar, se baseia no pensamento das realidades pensadas não como são na mente, mas tal como são em si mesmas, ou seja, sem nenhum pragmatismo ou subjetivismo; baseia-se, pois, nas “primeiras intenções”. Não despreza, contudo, as “segundas intenções” da lógica aristotélica, mas as distingue das “primeiras”. Isto lhe permite considerar diversas lógicas em função dos graus do Ser. Pode-se pensar numa lógica divina, uma lógica humana, dos seres animados, das plantas, etc. No entanto, continua respeitando a finalidade da lógica aristotélica que afirma ser o fim de toda lógica atingir mais facilmente a Verdade.

Deste modo, ao vincular Lúlio a sua lógica à sua metafísica, garante a verdade das conclusões em todas as argumentações, pois o que Deus faz equipara-se necessária e semelhantemente ao que Ele é.

Deus é Verdade e é verdadeiro. E assim se procede com cada uma das Dignidades, pois cada uma delas corresponde exatamente ao que Deus é. A Sabedoria de Deus, por exemplo, também é Deus, o Amor divino é Deus, e assim as outras Dignidades. Nesta altura, é o momento de lembrar que as Dignidades são Princípio da realidade e do conhecimento; portanto, a lógica luliana se aplicará ao conhecimento de Deus e ao conhecimento do mundo.

No conhecimento de Deus afirma-se, como se viu, que seus atos são idênticos entre si. Para conhecer as outras realidades. Lúlio se utilizou também da nova ferramenta demonstrativa: a teoria da demonstração por equiparação.¹³

Ajudará a compreender a *demonstração por equiparação* resumi-la assim: o ato “demonstrativo”, quando aplicada a Deus, é idêntico ao ato “demonstrado”. No conhecimento das criaturas, todavia, o ato demonstrativo é apenas semelhante ao ato

¹³ JAULENT, Esteve. “A demonstração por equiparação”. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *Lógica e Linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995, p. 145-162. Internet, <https://pt.scribd.com/document/33296161/A-DEMONSTRACAO-POR-EQUIPARACAO-EM-RAIMUNDO-LULIO>.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

“demonstrável”. Sirva como exemplo, a consideração do Amor divino para com si mesmo, que é um aspecto da atividade da vida íntima divina. Segundo a *teoria da equiparação*, a este Amor corresponde o Amado, que necessariamente terá idêntica natureza divina, pois o Amor entrega todo o seu Ser ao Amado.

A *teoria da equiparação* mostrará também como é que pode ocorrer o Amor infinito de Deus para com cada uma das criaturas racionais. A criatura amada, uma vez que o seu ser não é todo ele amor, mas se compõe com as suas potências, deverá equiparar-se permanecendo nesse infinito amor divino, correspondendo-lhe com um amor igual ou semelhante durante todo o tempo em que é amada por Deus. Esclareça-se que desde sua Eternidade Deus ama cada uma das criaturas racionais, e o resto da criação, com um grau de amor diferente, para assim constituir a ordem existente no universo.

Já o amor entre as criaturas racionais, é finito e se compõe em cada um dos amantes com as suas potências respectivas. Neste caso, a teoria da *demonstração por equiparação* indicará que o amor dos dois amantes deve manter-se equiparado e constante no exercício de tudo aquilo que exige o autêntico amor humano.

Ao aplicar a mesma lógica a Deus e ao mundo, Lúlio unifica tudo a partir de um único ponto de partida: Deus. Unifica os conhecimentos a partir do Princípio, o que possibilita um conhecimento imperfeito das atividades, como o conhecimento dos hábitos das respectivas ciências; o conhecimento perfeito se obtém através dos inúmeros atos ou conclusões de cada ciência.

Esta unificação dos conhecimentos também deve ser agrupada em função das diferentes lógicas; os atos da lógica divina serão diferentes dos atos da lógica humana, acabando as confusões de se atribuir comportamentos humanos a Deus, o antropomorfismo, e dificultando o arraigado costume de colocar o ser humano no centro do universo.

Por exemplo, realidades diferentes se comportam de modos diferentes: O modo de Deus fazer uma escolha é diferente do modo seguido pelo homem. Por exemplo, o homem escolhe o bem maior entre vários bens existentes, Deus faz boa a realidade que Ele escolhe. Consequentemente, o modo de se ser livre será também diferente. Deus escolhe antes de existir o que vai criar. O homem só escolhe o que já existe e, em primeiro lugar, o que mais ama não é a realidade concreta, mas esta realidade já conhecida, isto é, algo que de algum modo já existe dentro de si mesmo, pois o conhecido já se encontra, pela verdade, de alguma maneira dentro de pessoa que



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

conhece. Daí a tendência humana de escolher o bem que agrada, e não o bem conhecido exclusivamente pela razão.

Lúlio também não se cansa de dizer, seguindo a Aristóteles que quem for bom ama o bem, e quem for mau, ama o mau.¹⁴

Como se verá, repetidas vezes Lúlio afirmará que o conhecimento é fruto da verdade. Acima se apontou a dificuldade que existe para descobrir as inúmeras e nefastas consequências que se seguiriam do fato de se desconhecer o que é a Verdade. Não saber o que é o conhecer é uma delas. Conhecer não é sentir, nem imaginar, nem inventar, nem aderir a uma falsidade.

Finalmente, explicará que as Dignidades divinas, a Bondade, a Grandeza, a Eternidade, devem concordar com maioridade de virtudes existentes no mundo e serem contrárias com menoridade aos seus vícios e à sua pouca Verdade.

IV. Porque Lúlio não foi entendido? O que Lúlio fez?

Uma vez apresentada a sua Arte, ou Filosofia-Teológica, a história do pensamento ocidental mostrou com clareza que, de um modo era, Lúlio não foi bem entendido. Ao longo destes 700 anos após a sua morte, foi identificado como platônico, aristotélico, escolástico, escotista, iniciador da modernidade, racionalista e idealista tipo hegeliano. Concedeu-se lhe, todavia, a desculpa de ser um autodidata, mas com pouco fundamento, pois a realidade é que até hoje não se têm certeza dos lugares onde estudou, nem das fontes onde se inspirou, durante os quase dez anos que dedicou à sua formação e estudo após sua conversão.¹⁵ E então surge uma nova pergunta: Não seria agora, no início do século XXI, o melhor momento para entender as consequências do desconhecimento do Lúlio?

¹⁴ Aristóteles dizia que “Tal qual como a pessoa é, assim escolhe os seus fins”. Cf. TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2003, III (onde cita Aristóteles, *Ética* 4) *quais unusquisque est, talis finis videtur ei.* *Internet*, 21/12/2016: https://books.google.com.br/books?id=V0FI8b2CQ6IC&pg=PA152&lpg=PA152&dq=talis+unusquisque+es+talis+finis+videatur&source=bl&ots=oygsHF_bKK&sig=ANS-n-ltPPR0hJEyTPo4dv9waOE&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjzYKInIXRAhXBgZAKHXSQDJ8Q6AEIHDAA#v=onepage&q=talis%20unusquisque%20es%20talis%20finis%20videatur&f=false

¹⁵ RAIMUNDO LÚLIO. *Livro contra o Anticristo*, *op. cit.* (o porquê deste livro, p. 11 a 13).



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Razões históricas aconselham responder afirmativamente à esta pergunta. A situação cultural na Baixa Idade Média europeia dificultava o entendimento da mensagem do pensador catalão, uma cabeça tão universal que projetava levar o seu pensamento ao mundo contemporâneo e influenciar a posteridade. Se algo é de lamentar, é que esta meta não se conseguiu cumprir até os dias de hoje. Sim, porém, que se pode afirmar que, já desde longa data, isto é, desde 1276, quando se escreveu o *Livro contra o Anticristo*, a humanidade foi completando exatamente o que Lúlio previu, caso não se seguisse a sua Filosofia-Teológica. É assim chegou-se aos começos do século XXI.

Se Lúlio não foi entendido, certamente é porque não podia sê-lo pelos seus contemporâneos. Mas Lúlio sabia que, como se costuma dizer, há um tempo para cada coisa e, portanto, há um tempo para ser entendido pelos outros. Lúlio, que era um homem de fé, pensava também assim, e talvez por isso, não se preocupou muito; mas trabalhou durante em favor de sua meta até o último de seus dias.

Lúlio entendia que o mundo está fixado fortemente no mal.¹⁶ Que a própria Igreja católica estava dividida pelo arianismo, pelos nestorianos, os gregos, e havia ainda muitos povos que não conheciam a verdadeira concepção de Deus.

Lúlio, ao mesmo tempo tinha um enorme afã apostólico; queria trazer todos para o cristianismo – melhor dito, queria que viessem para a verdade cristã livremente –, pois não poderia forçar as consciências a adotar uma fé que não possuíam, pois, a fé é um dom de Deus.

O que Lúlio fez? Deu-se conta que o mundo, as pessoas... tudo, funcionava de acordo com o querer divino. Até os movimentos espontâneos da natureza selvagem e os atos inconsciente dos homens eram controlados pelo Verbo divino. Lúlio; era um homem de fé e assim acreditava. Por tanto, se o mundo funcionava conforme a providência de Deus bastava conhecê-lo bem filosoficamente, e chegaria a conclusões semelhantes às que a fé cristã definia.

Lúlio tinha fé cristã, mas não se apoiou nela para descrever sua metafísica, nem para chegar às conclusões mediante a sua *Lógica nova*.¹⁷ A maior parte dos teólogos cristãos

¹⁶ RAMON LLULL. *Liber de civitate mundi*, ROL II (1960), p. 169-201. Ver também VILLALBA, Pere. “De Civitate Mundi: cum Mundus sit in Perverso Statu”. In: *Revista Internacional d’Humanitats*, Ano IX, n. 9, 2006, *Internet*, <http://www.hottopos.com/rih9/villalba.htm>.

¹⁷ RAIMUNDO LÚLIO. *Lógica nova* (trad. de Guilherme Wyllie). São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2015.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

de sua época explicavam as realidades do mundo e o sentido das palavras de Cristo apoiando-se na fé. Então, era necessário que suas consequências lógicas fossem também verdades de fé.

Lúlio seguiu um caminho diferente, começava seus raciocínios com premissas exclusivamente racionais e as conclusões seriam necessariamente também racionais. Depois de serem obtidas, seria muito fácil verificar que essas conclusões racionais coincidiam com o que definia a fé católica.

V. Alguns exemplos

Lúlio estava interessado em mostrar, mediante a sua metafísica e lógica, como era o Ser divino, pois achava que o Deus entendido pelo Islã não correspondia ao verdadeiro Deus. Para tanto, prova em primeiro lugar a existência de uma obra intrínseca em Deus realizada por todas as suas Dignidades.

Diz ele: que existe na intimidade de Deus uma pluralidade de Pessoas sem as quais não poderia existir essa obra íntima de Deus. Essas Pessoas são numericamente três e se distinguem por atos distintos e por distinções de paternidade, filiação e processão, estando cada uma delas na própria propriedade pessoal. A essa obra interna de Deus lhe convém a extrema Bondade de engendrar e processar o Bem em todos os atos das Dignidades divinas, do que resultam as propriedades de cada uma das três Pessoas.¹⁸

São Tomás, com outras palavras, diz o mesmo a respeito da Santíssima Trindade. No seu comentário ao Evangelho de São João, mostra como a processão eterna do Espírito Santo pertence ao Deus-Filho e ao Deus-Pai. E define a distinção das três Pessoas divinas como sendo uma distinção formal à qual convém ser com alguma oposição entre elas.

Após provar a existência de três Pessoas em Deus, Lúlio provará a Encarnação do Filho de Deus no Homem-Deus, Cristo, mediante a consideração do ato puro da Grandeza em conjunto com os atos puros e completos de cada uma das outras Dignidades divinas, uma vez que cada uma delas é Deus. Ao comparar, por exemplo, o ato puro da Grandeza e da Vontade de Deus, convém, diz Lúlio: que sua Vontade seja um ato puro e completo de Querer, isto é, de amor Infinito, e convirá também que este Amor esteja em ato na criatura; por isso se compreende que o Amor Infinito se encarne no Homem-Deus.

¹⁸ RAIMUNDO LÚLIO. *Livro contra o Anticristo* (trad.: Huber Jean Cornier), *op. cit.*, p. 29-30.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Entre outros exemplos, compara também em Deus a Sabedoria com a Grandeza do entender, e afirma que concordam em maioridade entre si, mas não pode concordar com menoridade de entender, ou seja, que quanto maior é a Grandeza menor seria a Sabedoria. Portanto, conclui, Deus multiplica a sabedoria criada unindo-a à sabedoria incriada, de tal modo que torna a criada capaz de entender a Sabedoria com que Deus-Pai gera Deus-Filho, e a torna também capaz de dar processão a Deus Espírito Santo e de entender a si mesmo e a todas as outras criaturas.

Foi D. Leopoldo Eijo Garay, quem mostrou a evolução que sofreu Raimundo Lúlio até admitir que a máxima união possível entre Deus e as criaturas é a Encarnação de seu Filho e, portanto, com esta finalidade Deus criou o Mundo. E cita Lúlio:

Deus criou tudo para si, fim supremo de todas as coisas, pois não pode amar nada tanto como ama a si mesmo; e subordinada a esta finalidade criou Adão e nele toda a humanidade, para a felicidade eterna; Adão não pode desviar-se daquela finalidade, mas se desviou da felicidade eterna; que era um fim subordinado a primeira finalidade para a qual criou tudo. Esta finalidade principal é que Deus seja homem e o homem seja Deus, não pode haver finalidade maior para toda criatura e assim tudo o criado tem o seu fim principalmente nisto: que Deus seja Homem e que o Homem seja Deus. Portanto, se a natureza humana se desviou em algum grau desta finalidade, foi conveniente que a retificasse, pois era a finalidade principal da natureza humana. E Deus se encarnou mais pelo homem que assumiu, do que pelo restante da natureza humana, e mais que pelo restauro da mesma.¹⁹

Lúlio explica que a finalidade principal da criação é Deus ser homem, para o homem ser Deus, e que o fim subordinado a este fim principal é que toda a humanidade fosse feliz, tão feliz e perfeita como seria o primeiro Homem-Deus, Cristo, primeiro Adão. Toda a humanidade é amada por Deus porque Deus ama infinitamente o seu Filho, e na sua presciência vê todos os homens que serão imagem dele, por causa de seu amor a Cristo.

Lúlio disse que a esse amor de Cristo deve corresponder um amor equiparado ao dele. Como Cristo é um homem perfeito o seu amor atinge o maior grau de perfeição, que é dar a vida pelo amigo, ora Santo Agostinho afirmou exatamente que dois objetivos

¹⁹ RAMON LLULL, *Disputatio fidelis et infidelis*, p. IV, *De incarnatione*, 1. Cf. EIJO GARAY, L. “La finalidad de la Encarnación según el beato Raimundo Lúlio”. In: *Revista Española de Teología*, 2, Madrid, 1942, p. 201-227. Internet, http://www.ramonllull.net/sw_studies/studies_original/finalid.html.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

moveram Cristo a suportar a morte, a saber o amor a Deus e o amor ao próximo.²⁰ Eis aqui o que S. Tomás de Aquino diz: Deus amou com o maior amor o seu Filho do que o filho aos seus discípulos. Deus ama o seu Filho segundo a sua natureza e divina, pois quer para ele o seu infinito bem que lhe comunica mediante a mesma natureza e número que ele tem. Também o ama segundo a natureza humana. Para tanto o Ser de Cristo é Deus e Homem.²¹

O amor de Cristo aos homens é só semelhante ao Amor que ele recebe do Pai. Pois os torna partícipe da graça conforme a sua presciência que os torna imagem do seu filho e nos mantém no seu amor. Portanto Cristo é o primogênito entre muitos irmãos.

Lúlio apenas indica que a intenção principal da encarnação é a ostentação do Amor de Deus, pode existir outras intenções desde que sejam subordinadas a esta intenção principal, como, por exemplo, a intenção divina de redimir o gênero humano.

Se a redenção humana tivesse sido uma finalidade mais principal que a ostentação e amor divinos, seguir-se-ia se não houvesse pecado original Deus não teria encarnado, por haver pecado original conveio que se encarnasse para redimir o gênero humano.²²

Lúlio conseguiu não se apoiar nas verdades de Fé para explicar a realidade, mas somente na razão porque ele sabia filosoficamente que todo o mundo criado e os seres racionais dependem da atividade desse Deus infinitamente bom. Mas, não vai usar essas verdades de Fé nas suas argumentações. A sua filosofia baseia-se no conhecimento da realidade acompanhada do amor. Nunca quis demonstrar a fé católica exclusivamente com o uso da razão. Seus silogismos são exclusivamente racionais.

²⁰ Cf. S. AGOSTINHO em *Super Evangelium S. Ionnis Lectura*, Marietti, Roma 1952, cap. XIV, Lectio VIII, p. 371 “...ut cognoscat mundus quia diligo patrem, et sicut mandatum dedit mihi pater, sic facio”.

Internet,

https://books.google.com.br/books?id=Sd9kAwAAQBAJ&pg=PR31&lpg=PR31&dq=ut+cognoscat+mundus+quia+diligo+patrem,+et+sicut+mandatum+dedit+mihi+pater,+sic+facio&source=bl&ots=g2J_Bv8KTS&sig=crc3SwQrS-OCEhsgBW2XqjvH5gA&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEWjH9JDN4IPRAhUkHGMKHEgtCNIQ6AEIHjAB#v=onepage&q=ut%20cognoscat%20mundus%20quia%20diligo%20patrem%2C%20et%20sicut%20mandatum%20dedit%20mihi%20pater%2C%20sic%20facio&f=false

²¹ S. THOMAE AQUINATIS. *Super Evangelium S. Ionnis Lectura*, Marietti, Roma 1952, Ed. V, cap. XIV, Lectio VIII, p. 370: “Nam pater nihil ab alio accipit, filius autem naturam, ut dicam, a patre accipit per aeternam generationem”.

²² RAMON LLULL, *Questiones per Artem demonstrativo solubiles*, q. 29.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

No fim de sua vida, poucos meses antes de morrer, resume e sintetiza o que estudou e proclamou sempre:

Não digo que se possa demonstrar Deus sem a sua graça e ajuda. E os que dizem que não é bom que se possa demonstrar Deus, para que não se perca a fé mediante a qual o homem acredita, porque perderia o seu mérito de acreditar, não o dizem bem. Com efeito, o homem existe principalmente para amar Deus pelo entender, e não para amá-Lo pelo acreditar.

E quem ama mais ter mérito por acreditar que pelo entender, se ama mais a si mesmo que a Deus. E faz de si, um deus imaginado. Em verdade podemos chamar este deus de “ídolo fantasioso”.²³

Pode surpreender a alguns que Lúlio dissesse que *o homem existe principalmente para amar Deus pelo entender*. Ocorre que, desde a sua conversão total, ele apreendeu que o amor tem de ser livre, e concluiu por experiência própria que o ser humano foi criado do nada à imagem e semelhança de Deus, pelo próprio Deus, Suprema Liberdade e Amor infinito, portanto, Lúlio sabe que a única atividade do homem nesta terra, desde o nascimento até a sua morte é amar livremente, sem nenhuma coação. O conhecimento de Deus serviu-lhe para afirmar que o amor humano é também fruto da liberdade, e amar sempre livremente é a única obrigação do homem e nisso consiste sua maior dignidade natural.

Lúlio não compreende um amor sem liberdade, pois ambas as atividades se identificam. Sem liberdade não existe amor, e quanto mais a primeira cresce, mais cresce a segunda. Ambas crescem, pois em maioridade. Por este motivo, e em consequência de sua natureza racional, nenhum homem pode admitir que apenas possa amar após o ato exclusivo de entender que o objeto de seu amor seja um bem; um bem que necessariamente tem de ser conhecido como sendo um bem. Esta suposição condicionaria totalmente seu amor, e toda sua atividade, ao conhecimento do bem.

Portanto, somente o conhecer não é o bastante para realizar um ato livre. O ato de conhecer exige algo a mais: exige o amor. Não é suficiente um conhecer não acompanhado de um amor.

Lúlio sabe, pois, que a boa vida do homem consiste em cumprir em todo momento, livremente, a vontade conhecida de Deus, seu Criador. Esta vontade, porém, não se

²³ RAMON LLULL, *Liber de Deo et de mundo*, ROL II, Palmae Maioricorum, 1960, p. 370-371.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

revela diretamente à consciência pessoal e, por este motivo deve ser seguida pelo ser humano somente se for conhecida e amada por ele. Suas escolhas, após o ato de conhecimento que surge em sua consciência, devem ser acompanhadas do amor a esse querer que Deus lhe pede em cada ação concreta. Só assim a escolha será uma escolha livre. Só um conhecimento de uma ação amada pode constituir-se numa ação livre. Toda atividade, portanto, tem que passar por nossa consciência. Lúlio mostrou, pois que só o amor constitui um ato livre, portanto uma ação sem amor seria o mesmo que atuar coagido pelo bem conhecido. Se a consciência escolhe o mal daí que se compreende conseqüentemente quanto mais amor a Deus tiver o ser humano, tanto mais conhecimento terá dele e de tudo quanto Ele cria, mantém e governa.

Deus, portanto, ao governar sua criação, dotou o homem com o dom do livre arbítrio para que pudesse fazer boas escolhas em sua vida, como convém à sua natureza em quanto ser e obter em consequência e justamente um mérito. Mas como o mundo e os seres racionais foram criados do nada, têm também a possibilidade de se inclinar para pecar fazendo o mal, devido a sua inclinação para o nada. Portanto, Deus dotou o homem com a possibilidade de fazer o bem se assim quiser, ganhando o mérito indo contra o pecado, ou de seguir sua permanente inclinação para o nada. Neste último caso, a falha humana não foi forçada, mas foi cometida livremente e por este motivo sai do Amor de Deus. Deus conhece nossos pecados antes da nossa criação. Mas nós sempre poderemos fazer o bem, com o dom do livre arbítrio que Deus pôs em nós.

São Tomás sobre o amor de Deus aos homens diz: é amor de Deus que nos move e ajuda a cumprir os seus mandamentos que não poderiam ser cumpridos a não ser pela graça que o próprio Deus pôs em nós.

Com relação a necessidade do amor para entender, São Tomás afirma que a fé não é suficiente, e usa a comparação da videira: que não se pode permanecer em Cristo somente pela Fé porque não se participaria da seiva se não se estiver no Amor de caridade. Daí que se cortem os galhos da videira da sociedade dos bons.²⁴

²⁴ S. THOMAE AQUINATIS. *Super Evangelium S. Ioannis Lectura*, Marietti, Roma 1952, ed. V. Sic et aliqui manent in Christo solum per fidem, non tamen participant humorem vitis, quia non sunt in caritate. Unde tales mittentur foras, idest, separabuntur a societate bonorum; Ezech. c. XXXIV: *stabo, et separabo et cetera.* Cap. XV, Lectio I, p. 376. *Internet*, <https://books.google.com.br/books?id=mZ09AAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=Super+Evangelium+S.+Ioannis+Lectura,&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwjLrtaA34PRAhUBV2MKHV5IBdIQ6AEIGjAA#v=onepage&q=Super%20Evangelium%20S.%20Ioannis%20Lectura%2C&f=false>.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Conclusão

Lúlio, convencido da verdade da fé cristã, e desejando levar para ela àqueles que estavam interessados em obter algum conhecimento, pensou em primeiro lugar na Verdade. Nada melhor que ela para satisfazer as ânsias de sentido das pessoas que anseiam conhecer. Deixando implícita a sua fé, Lúlio apresentou somente argumentos racionais para chegar às conclusões mediante a sua metafísica e lógica real. Lúlio não fundamentava suas argumentações, nem explicava as palavras de Cristo, apoiando-se na revelação da fé cristã, Então, necessariamente suas consequências lógicas coincidiam com o sentido das verdades da fé.

Lúlio entusiasmado com a verdade deseja que os homens se acostumem a ela, sem nenhum pragmatismo ou conveniência própria.

A razão de tal fato é que uma criatura existe e é criada para que entenda a verdade. Mas quando ela julga incompetentemente ser verdadeiro, o que é falso, e ser falso, o que é verdadeiro, é por ter se habituado ao hábito da falsidade.²⁵

Lúlio está convencido²⁶ que os homens não entendem muitas vezes a realidade e por isto Deus ordenou o entendimento que receba o significado das coisas de modo correto. Se a vontade pode desfrutar da trindade, quanto mais o entendimento. Por isto que Deus quer que o ser das coisas esteja na alma humana como um meio entre Deus e o entendimento.

²⁵ RAIMUNDO LÚLIO. *Lógica nova* (trad. de Guilherme Wyllie), *op. cit.*, p. 255.

²⁶ Cf. 6. *Libre de demostracions (meravelloses)*, em VILLALBA I VARNEDA, Pere. *Ramon Lull, Vida i Obres, Volume I: Anys 1232- 1287/1288*, obres 1-37, Ed. Institut d'Estudis Catalans, Barcelona 2015, p. 354.